

# QUESTÕES AMBIENTAIS



## TRÁFICO DE ANIMAIS

### **O defensor dos animais**

Ambientalista brasileiro ganha prêmio internacional da ONU pelo trabalho de combate ao tráfico de animais, “business” que movimentava de US\$ 10 a US\$ 20 bilhões por ano

Alessandra Bastos

8 de novembro de 2003 - Brasília - Enquanto o governo federal não consegue desenvolver uma política pública eficiente para conter o tráfico de animais - que no Brasil chega a 38 milhões de espécimes por ano - vários ambientalistas se estruturaram em Organizações Não Governamentais (OnGs) para enfrentar o problema. O trabalho dos pesquisadores brasileiros acaba de ser reconhecido internacionalmente com a premiação do coordenador da Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais (Renctas), Dener Giovanini. Ele receberá do secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, o prêmio Sasakawa de Meio Ambiente, do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (UNEP).

O comércio de animais hoje é tão grande e movimentado tanto dinheiro que só perde em quantidade para o tráfico de armas e de drogas. De US\$ 10 a US\$ 20 bilhões são negociados todos os anos mundialmente e o Brasil participa da atividade ilegal com quase 15% do negócio, movimentando mais de US\$ 1,5 bilhão por ano.

A rentabilidade destes criminosos cresce na mesma proporção da falta de treinamento, de equipamentos, de recursos, de fiscalização e da punição nos países de origem. “Um traficante sai do Brasil com animais e pode lucrar US\$ 60 mil dólares nos

# QUESTÕES AMBIENTAIS



EUA , então, vale o risco de ser pego”, diz Dener Giovanini. O que comprova a falta de penalidades eficientes é a reincidência dos criminosos. Um exemplo, é o alemão Marc Bangarten, que exporta animais brasileiros para a Europa e já foi preso no Brasil cinco vezes.

Os animais fazem parte principalmente da fauna do Norte, Nordeste e Centro-Oeste brasileiro e são levados para o eixo Rio - São Paulo, onde ficam cerca de 60% dos espécimes. Os 40% restantes são retirados do país por meio de aeroportos, portos e principalmente pelas fronteiras, ao sul do país. Antes mesmo de serem importados recebem documentos falsos como se fossem pertencentes à fauna do país para onde estão sendo levados.

## **Principais compradores**

Os principais compradores dos animais brasileiros são os Estados Unidos; países europeus como Inglaterra, Portugal, Espanha e Suíça e Cingapura, Japão e Índia. Alguns chegam ao absurdo de comprar partes dos animais para fazer artesanato. A maior vítima são as borboletas, que viram enfeites de porta-jóias e quadros. Outros animais são mortos para que peles, dentes e garras também passem a decorar a casa.

Mas o artesanato feito com animais, além de ser um problema internacional, é também um problema interno: os índios brasileiros exercem a mesma atividade, já secular. “Não existe legislação que os puna e eles buscam na comercialização uma fonte de renda”, afirma Dener. Como a atividade é uma tradição indígena, se torna um espinho na vida dos ambientalistas difícil de ser removido. “É uma questão delicada, ninguém quer resolver porque é politicamente ‘incorreto’ ir contra os costumes indígenas”, diz o coordenador da Renctas.

# QUESTÕES AMBIENTAIS



Além do artesanato, os animais têm outros quatro destinos. A chamada biopirataria é feita por indústrias químicas e farmacêuticas, compradoras de escorpiões, aranhas, insetos e animais venenosos em geral. Os colecionadores almejam as espécies raras e contribuem para a extinção de macacos, mico-leão-da-cara-dourada, felinos e répteis. Os pet-shops comercializam aves, araras, tucanos – aves de penas coloridas e de venda fácil, e a medicina das crendices compra partes dos corpos dos animais como o olho de cobra, que há quem jure que afasta mau olhado.

As modas, que mudam a cada estação, também são culpadas pelas mortes da fauna brasileira. A nova “onda” internacional é criar cobras não-venenosas em casa, como a jibóia e a falsa coral. Já as crianças entraram na brincadeira de ter um sapinho como animal de estimação. O preferido é o Dendrobates, um pequenino sapo colorido. Mal sabem os pais que esse bonitinho animal possui uma secreção venenosa, mas a moda é tão forte que o sapinho brasileiro chega a custar US\$ 600.

## **Animais recuperados também morrem**

De cada dez animais retirados da natureza, nove morrem na captura ou durante o transporte. E a falta de uma política pública no Brasil é tão alarmante que os animais recuperados pela polícia tem o mesmo destino, a morte. Segundo Dener, isso ocorre pela falta de recursos financeiros destinados ao Meio Ambiente. “Esse animais são recuperados no Rio e em São Paulo mas não podem ser soltos lá porque não fazem parte da fauna local, o governo não tem recursos para que eles voltem ao seu habitat e os zoológicos estão cheios. O de Brasília é um dos únicos que ainda recebe e cuida dos animais”, denuncia.

# QUESTÕES AMBIENTAIS



O combate ao tráfico é tão pequeno que não existem, no Brasil, registros com o número de animais recuperados. “as polícias federais, florestais e o Ibama trabalham separados, não há comunicação”. Com isso quem sai ganhando são os traficantes, que podem agir com toda a liberdade. “Só o Rio tem mais de cem feiras conhecidas que comercializam animais”, aponta o pesquisador.

Com a internet, o trabalho dos traficantes ficou ainda mais fácil. Em três meses de trabalho, a Renctas descobriu quase cinco mil sites com salas de bate-papo e leilões de animais, o que torna o combate ainda mais difícil porque o traficante é anônimo. A lista das páginas e todos os números e dados do tráfico fazem parte do relatório feito pela OnG junto ao Ibama e as polícias federal e florestal. A pesquisa é o primeiro documento que reúne o problema ambiental de forma nacional resultando em um quadro geral da situação. Um segundo relatório está sendo preparado para 2004.

Foi esse trabalho que rendeu a Dener Giovanini o prêmio Sasakawa das Nações Unidas. O biólogo trabalha pelo meio ambiente desde os quinze anos de idade, tendo ajudado a fundar o Partido Verde. Mas foi como secretário de Meio Ambiente de Três Rios (RJ) que começou a trabalhar contra o tráfico. “Um dia, na secretaria, apreendemos uma ambulância com 800 aves”, conta. Tocado pelo problema, pediu demissão e foi trabalhar exclusivamente pela causa, montando a Renctas. “A idéia era fazer algo local, no Rio, mas fomos conhecendo pessoas em todo o Brasil com os mesmos problemas e lutando pela mesma causa”, diz Dener. Com o crescimento do trabalho, vieram também as ameaças. “Um dia um carro me parou na rua, dele saíram dois homens armados que me disseram ‘você não vai viver muito tempo porque suas batatas já estão assando’”. Apavorado, Dener resolveu sair do Rio e se mudar

# QUESTÕES AMBIENTAIS



para Brasília, onde as ameaças continuaram por telefone e e-mail. Mas o biólogo não desistiu e o resultado vem agora com o reconhecimento. “É uma grande responsabilidade, acredito que o prêmio vai favorecer muito o trabalho pois a comunidade internacional vai virar os olhos pra cá”, comemora Dener.

Para o biólogo, o maior patrimônio brasileiro não é o petróleo, mas a biodiversidade. “É um absurdo o Brasil, dono da maior biodiversidade do mundo, não ter o meio ambiente como prioridade. Dela virá a cura para a Aids, o câncer e uma série de outras doenças. E a gente está jogando essa riqueza fora”, indigna-se.

No dia 02 de setembro, a polícia federal lançou o projeto Drake, que prevê a criação de 27 delegacias especializadas em meio ambiente e que realizarão operações de repressão em portos e aeroportos e campanhas de alerta e educação em todo o país. O trabalho, está só começando...

Fonte: Agência Brasil ([www.radiobras.gov.br](http://www.radiobras.gov.br))